

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

REFLEXÕES PARA UMA EDUCAÇÃO DIGITAL DE QUALIDADE DESTINADA À NAVEGAÇÃO DOCENTE/DISCENTE

Tânia Maria da Conceição Meneses Silvaⁱ

Josevânia Teixeira Guedesⁱⁱ

Roberto Carlos Bastos da Paixãoⁱⁱⁱ

Eixo 8 - Tecnologia, Mídias e Educação

RESUMO

A educação atual busca se reorganizar em meio a todas as transformações sofridas pela sociedade mundial. O Brasil também tenta um reposicionamento em torno do contexto da modernidade. O Guia de Tecnologias Educacionais (2009) é um documento norteador emitido também virtualmente pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) através da Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para Educação Básica/Coordenação Geral de Tecnologia na Educação. O objetivo da reflexão desenvolvida no texto deste artigo é o de debater sobre como utilizar a Internet como fonte de pesquisa e formação educacional adequada e segura para a construção do conhecimento e do fazer docentes sobre o que esses espaços de compartilhamento virtual oferecem como possibilidades de ensino e de aprendizagem.

Palavras-chave: educação digital, conteúdo, Internet.

RESÚMEN

La educación actual busca reorganizar en medio de todas las transformaciones sufridas por la sociedad mundial. Brasil también intenta cambiar la posición de todo el contexto de la modernidad. La Guía de la Tecnología Educativa (2009) es un documento guía también prácticamente expedido por el MEC (Ministerio de Educación y Cultura) a través de la Oficina de Educación Básica / Junta de Política de Formación, Materiales Educativos y Tecnologías para la Educación Básica / Tecnología de la Coordinación General en la educación. El propósito de la filosofía desarrollada en el texto de este artículo es discutir cómo utilizar el Internet como un fondo de investigación y educación adecuada y segura para la construcción del conocimiento y los maestros hacen acerca de lo que estos espacios de intercambio virtuales ofrecen posibilidades como medio de enseñanza y el aprendizaje.

Palabras clave: educación digital, contenido, Internet

INTRODUÇÃO

A educação tenta se reorganizar em meio a todas as transformações que vêm sendo impingidas à sociedade em breve espaço de tempo e em ritmo acelerado. Some sob os pés dos educadores o chão construído durante cinco séculos de evolução educacional inseridos no processo de civilização no Brasil. Todo um contexto de novas tecnologias envolve os cidadãos onde quer que se encontrem, desde o lar, passando pelas instituições bancárias, setores os mais diversos e, inclusive, na educação. Tendo em vista que da escola se espera que cumpra o seu papel de entregar à sociedade sujeitos formados e preparados para o mundo do trabalho, o Ministério da Educação e as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação em colaboração como o PROINFO Integrado procederam a implantação da Tecnologia de Informação e Comunicação. A implantação do Sistema de Tecnologia da Informação e Comunicação cumpre o objetivo de proporcionar a melhoria dos processos educacionais nas escolas públicas brasileiras. Daí provêm “as [...] ações, como a implantação da infra-estrutura de TIC em 75 mil escolas públicas, a capacitação de centenas de milhares de professores e a produção de conteúdos digitais”. (BIELSCHOWSKY E PRATA, 2010, p. 1).

Apesar deste esforço maior e de tantos outros iniciados para alavancar o país e colocá-lo em pé de igualdade com outras nações, há ainda algumas áreas sombreadas nas quais pequenos entraves emperram a modernização educacional. Há ainda as manifestações que se subdividem entre os que não querem renovar conhecimentos e detestam mudanças e creem no predomínio e validade de um processo educacional centrado na tradição; e, na outra ponta, aqueles ávidos por dialogarem com a linguagem da nova era. Considera-se difícil a ruptura com um passado recente, com uma escola de concepções burocráticas e na qual o professor tinha a primeira e a última palavra. Com alguma razão, pessoas acreditam que correm riscos consideráveis em se lançar numa espécie de aventura e, em virtude disto, preferem a acomodação e não querem “trocar o certo pelo duvidoso”, ainda mais considerando-se o desconhecimento de todo o sistema que envolve a tecnologia moderna e de como essa tecnologia auxiliaria ou seria eficaz na oferta de um ensino-aprendizagem de qualidade.

Acrescente-se que essa troca pelo novo acarreta uma reviravolta nas concepções didático-pedagógicas.

Na busca de novos modelos pedagógicos, computadores mais poderosos favorecem o aparecimento de ferramentas cada vez mais sofisticadas de apoio ao ensino, como sistemas de autoria e de hipertexto, em busca da convergência de mídias.

Com o advento da Internet modelos inéditos de educação baseada em e-learning vêm sendo desenvolvidos gerando grande quantidade de projetos de pesquisa e também de softwares aplicativos. Hoje, a pesquisa no contexto da Informática na Educação se detém em variados temas, entre eles: criação e construção de ambientes criativos de aprendizagem cooperativos e interativos; construção de projetos em ambientes informatizados; ambientes virtuais de aprendizagem; comunidades virtuais; simuladores; ambientes imersivos; que utilizam objetos educacionais e pressupõem a intensa utilização das TICs, incentivando trocas de experiências e compartilhamento de informações, com o objetivo de favorecer aprendizagens significativas. (SCHWARZELMÜLLER E ORNELLAS, 2006, p. 1-2)

Existem materiais didáticos preparados para a utilização do computador em sala de aula. Exemplos desses materiais de apoio ao professor são as mídias: mídia áudio, mídia audiovisual, mídia Software Educacional. A produção dos conteúdos educacionais digitais multimídia contribui “para o desenvolvimento e construção do conhecimento, por meio da criatividade e ludicidade, promovendo assim uma aprendizagem dinâmica e significativa”. (ROQUE *et al*, 2009, p. 11)

Quanto ao que se refere ao ambiente acadêmico, a tendência é a da disponibilização de cursos e conteúdos digitais proporcionados de forma livre e aberta, inclusive para a comunidade. Trata-se do *Open Course Ware* (OCW) do Massachusetts Institute of Technology. Os Recursos Educacionais Abertos (REA) /OER (*Open Educational Resources*) servem para o ensino, aprendizagem e pesquisa. Assim, segundo Dutra *et al*, (2009, p.7), “se pensarmos em termos de Brasil, os Recursos Educacionais Abertos podem ser um importante instrumento para a disseminação e universalização do conhecimento a partir de universidades públicas e privadas no Brasil”.

A televisão vinha sendo regularmente utilizada com fins educacionais. Duas situações se criaram nas salas de aula: 1. O uso da TV à semelhança de mero lazer (sem planejamento); 2. O uso da TV de forma consciente e planejada em torno do alcance de objetivos educacionais. Até mesmo por falta de conhecimento do que veiculam as inúmeras emissoras e, ainda mais, a existência de uma infinidade de canais alternativos, os professores sem uma preparação para o mundo da modernidade usavam programas e filmes escolhidos fora de uma

escala de critérios que orientassem as atividades docentes. Nisto contava bastante a preferência do professor que a impunha aos estudantes. Os resultados desse tipo de aula se mostravam questionáveis e carentes de uma reformulação.

Com a transformação descomunal trazida pela presença do computador conectado à rede, o interesse pela programação da televisão decaiu. A abertura e a infinidade de possibilidades trazidas pelo ambiente digital alteraram gostos, hábitos e atitudes nos indivíduos. Há de se pensar, porém, que a televisão se reposicionaria e tentaria se adequar às perspectivas do novo mundo. E foi o que se deu, pois,

A aproximação/fusão da TV às tecnologias computacionais cria uma nova mídia que ainda não conseguimos nomear. Enquanto um novo modelo de comunicação audiovisual digital interativo multiplataforma, que tem como referência e matriz aquilo que conhecemos como televisão, não é definido, navegamos por caminhos tortuosos e sinalizados por siglas como iTV, TVD, HDTV, IPTV, entre outras, que lembram a máxima de Abelardo Barbosa: “Eu vim para confundir, não para explicar”. (AMÉRICO, 2007, p. 5).

A chegada da TV digital na escola possibilita ao telespectador escolar interagir com o conteúdo pelo simples manuseio do controle remoto obtendo fotos, produzindo vídeos, “editando sons, imagens textos e dados, propagando suas mensagens e interagindo socialmente por meio do correio eletrônico e das redes sociais da internet, em diferentes plataformas” (REIS, 2011, p. 11-12).

Quanto à formação da identidade do docente da rede pública de ensino na esfera do mundo digital e sua percepção sobre o uso e a produção de conteúdo educacional digital, Bielschowsky e Prata (2010, p. 4) apontam o não pertencimento e a não participação observáveis nesses profissionais. Enquanto que,

Há muito se tem observado que os alunos que tem acesso à internet têm buscado oportunidades de inclusão em outros locais além da escola. Eles não apenas acessam os conteúdos digitais disponíveis em sites diversos, como também produzem e publicam conteúdos em espaços de compartilhamento virtual, tais como o Youtube. Também vêm interagindo em blogs e participando ativamente de redes sociais tais como o Orkut, Facebook, Myspace entre outros.

A partir deste não pertencimento e não participação docente, a preocupação deste artigo de revisão literária se volta para o mesmo contexto no que tange à construção do conhecimento e do fazer docentes sobre o que esses espaços de compartilhamento virtual oferecem como possibilidades de ensino e de aprendizagem. Principalmente se quer

considerar o não pertencimento e a não participação quanto a opções de reconhecida qualidade, e até mesmo preciosidades educativo-formativas, a exemplo dos portais e *links* que remetem a conteúdos educacionais da maior importância. Para exemplificar, seria o caso de apontar *sites* de: bibliotecas nacionais e internacionais, literatura, língua portuguesa e também de todas as áreas do conhecimento humano, *Google Books*, Nova Escola, academias de letras, jornais do mundo inteiro, universidades nacionais e internacionais, jogos educativos, pesquisas em geral, vídeos educativos e tantos mais.

Como toda novidade, a Internet (para citar apenas um dos meios digitais atuais) ainda é usada sem limitações, o que nos traz uma grande preocupação. É certo que se trata de uma ferramenta que proporciona maravilhas além de auxiliar e potencializar a disseminação do conhecimento, mas devemos estar atentos, precavidos, orientando nossos alunos em como se protegerem das ameaças eletrônicas (PECK E STELMAN, 2007, p. 3).

Os estudantes se desenvolvem naturalmente na abordagem digital de aprendizagem muito diferentemente das gerações anteriores. Verdade é que a atenção desses estudantes é limitada, mas as suas capacidades permitem que eles troquem contextos quase instantaneamente. Eles se sentem confortáveis quando saltam de uma situação ou um tópico mesmo sem saber de antemão o que eles precisam saber para ter sucesso. Nesse sentido, eles esperam simplesmente descobrir ou descobrir conhecimento como quando exploram um domínio. Eles não esperam para ser ensinados por uma autoridade e não precisam ler um manual. Afundar ou nadar é a opção que eles têm. Embora isso pareça caótico, eles usam os recursos sociais e na Internet para navegar através de uma situação complexa. Eles aprendem com os seus pares, tanto quanto a partir de fontes padrão de autoridade. Eles são inerentemente colaborativos e querem aprender fazendo - o que é característico do desenvolvimento da juventude. Eles constroem, eles remixam e modificam seus *blogs*, conversam, compartilham dicas, histórias, textos, tudo facilitado pela comunicação digital em mundos físicos e virtuais.

Diante disto pergunta-se: temos a mesma competência que os alunos? Que entendemos de *blogs*, de *sites*, de *Youtube*, de *Facebook*, de *Orkut*, de mixagem e de tantas outras disponibilidades oferecidas pelo computador conectado à Internet? Que portais e *links* conhecem os docentes? Têm conhecimento de *sites* como o Domínio Público, bibliotecas digitais, *Google Books*, *sites* de instituições governamentais e outros? Que tipos de formação docente e discente podem ser adquiridas acessando a Internet?

As tecnologias digitais são, sem dúvida, recursos muito próximos dos alunos, pois a rapidez de acesso às informações, a forma de acesso randômico, repleto de conexões, com incontáveis possibilidades de caminhos a se percorrer, como é o caso da internet, por exemplo, estão muito mais próximos da forma como o aluno pensa e aprende. (JORDÃO, 2009, p.10)

O Guia de Tecnologias Educacionais é um documento norteador emitido virtualmente pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) através da Secretaria de Educação Básica/Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologias para Educação Básica/Coordenação Geral de Tecnologia na Educação. Esse guia relaciona os seguintes portais educacionais: e-ProInfo, Plataforma Jornada – E-Learning LMS, Portal Aprende Brasil, Portal Auge Educacional, Portal Clickidéia, Portal Dia-a-dia Educação, Portal Domínio Público, Portal do Professor, Portal dos Professores da UFSCar, Portal Educacional Educar e Aprender, Portal Educacional, Portal Educandus Web Ensino Médio, Portal Educar para a sustentabilidade, Portal Estuda Mais Brasil, Portal Klickeeducação. São “sete blocos de tecnologias: Gestão da Educação, Ensino-Aprendizagem, Formação dos Profissionais da Educação, Educação Inclusiva, Portais Educacionais, Educação para a Diversidade, Campo, Indígena, Jovens e Adultos e Educação Infantil” Guia de Tecnologias Educacionais (2011, p.14)

A propósito, Bielschowsky e Prata (2009, p.5) testemunham:

No planejamento e implementação do portal procuramos criar um ambiente de *layout* agradável, com funções atraentes a nossos professores, de modo a oferecer-lhes uma opção de comunidade virtual útil e na qual eles se reconheçam. Para tal, contamos com contribuições das demais secretarias do Ministério da Educação, das secretarias estaduais e municipais de educação representadas pelos coordenadores de programas de TIC nas escolas, de multiplicadores dos Núcleos de Tecnologia Educacional - NTE e de professores isoladamente. Para adensar esse trabalho coletivo utilizamos, entre outras estratégias, listas de discussão¹² que existiam na época, viabilizando abarcar ao máximo as expectativas de diferentes agentes educacionais sobre o Portal do Professor.

Bottentuit Junior e Coutinho (2009) se ocuparam em realizar um estudo sobre os portais educacionais existentes em Língua Portuguesa. Esses autores providenciaram uma análise de 43 sites educacionais *online*. O interesse dos pesquisadores foi o de verificar o grau de qualidade dos portais e se realmente podem ser caracterizados como realmente merecedores desse título. Os resultados da pesquisa, em geral, apontaram para o fato de que,

em detrimento de algumas virtudes, os portais deixam a desejar, são ineficientes e carecem de investimento.

Estudos comparativos acerca da avaliação criteriosa da construção de *sites* educacionais de Física e Química evidenciam alguns critérios fundamentais na construção de *sites* educacionais bem estruturados, apesar da necessidade de ajustes para melhorar a estrutura do *site* no âmbito educacional. O parecer apresentado na pesquisa, a exemplo da necessidade de se repensar e reestruturar o grau de segmentação de conteúdo e *links* internos, realizada por Costa *et al* (2003, p. 553) consideram que “a adaptação dos conteúdos didáticos ao meio eletrônico torna-se necessária para que se tenham materiais didáticos de qualidade e inovadores, capazes de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem”.

Outra pesquisa buscou analisar portais educacionais desde o ponto de vista pedagógico, conforme a teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel, procurando fornecer uma base epistemológica para análise pedagógica destes portais.

Para David Ausubel (1980), aprendizagem significativa é o processo no qual uma nova informação é relacionada a um aspecto relevante já existente na estrutura cognitiva do indivíduo. Ausubel (1978) relaciona aprendizagem significativa com significado, estabelecendo uma relação intrínseca entre estes conceitos, relacionando-os com a estrutura cognitiva do aluno, de acordo com os processos inerentes a cada aprendiz. São necessárias duas condições fundamentais para que ocorra a aprendizagem significativa, a predisposição para aprendizagem significativa e o material de aprendizagem ser potencialmente significativo. (NUNES; SANTOS, 2006, p.2)

No que diz respeito aos portais educacionais, os pesquisadores agora evocados adiantam que esses dispositivos “entram neste contexto tendo que conquistar não apenas os alunos, mas também os professores, que passam a aceitar e aprender a utilizar a Internet em sala de aula e serem, então, incentivadores de seu uso como ferramenta que auxilia na construção do conhecimento”. (p.3). Dentro dos critérios escolhidos para a análise, os estudiosos foram taxativos em afirmar que: “O mais importante é que quando se comprova a efetividade pedagógica de um portal educacional, segundo a teoria da aprendizagem significativa, tem-se a possibilidade de utilizar o portal com mais segurança, porque se estabelece a relação entre o virtual e a organização de novos conhecimentos na estrutura cognitiva do aluno”. (p. 10).

Melo *et al* (2008) dedicaram-se à refletir sobre como se usar bem a Internet na pesquisa. No trabalho desses teóricos fica assentado que nem tudo se acha na Internet e de que há, inclusive, riscos e dificuldades. Também informam sobre como refinar uma pesquisa

em um site de busca e de como utilizar a ferramenta de busca Google Acadêmico, Revista Eletrônica. Além desses e de outros itens, dedicam-se a cuidar de uma questão ética, a exemplo do plágio. Quanto aos sites de busca, esclarece que um dos “mais importantes e confiáveis é o Google Acadêmico, pois retorna informações de literatura acadêmica (teses, artigos). Os textos na maioria dos casos são revisados por especialista, dando maior segurança na pesquisa” (p. 11)

O mecanismo mais usado atualmente nas pesquisas é o site de busca. É o mais recorrido devido à maior facilidade de utilização e por conseguir armazenar um conteúdo variado e amplo, além de ser a maneira mais popular de pesquisa. Muitas vezes, é através dessa busca no “search engines” que a realização de um trabalho ou o estudo de um determinado assunto se torna mais viável em relação ao tempo disponível e utilizado para fazê-lo, já que os motores de busca permitem tentar encontrar a informação que se deseja em meio a um enorme conteúdo disponível na internet. (MELO *et al*, 2008, p. 6)

Como exemplos de ferramentas utilizadas na verificação de possíveis plágios são apontados:

Compilatio.net (www.compilatio.net) , que identifica as frases do texto que podem ter sido plagiadas e indica prováveis documentos originais; e o Copyscape (www.copyscape.com) , ferramenta de busca que pode ser utilizada para acompanhar os caminhos de um conteúdo publicado e descobrir se foi plagiado por algum website. Esse sistema também pode ser usado para localizar citações legítimas de conteúdo online. (MELO *et al*, 2008, p. 6)

Existem indicadores de qualidade como é o caso do trabalho apresentado por Vieira (2011) que, se refere às atividades desenvolvidas em 2009 junto à equipe do NTE de Nova Andradina. Foram orientados os multiplicadores da STE na elaboração de um catálogo de *sites* úteis. O objetivo da ação era de fomentar junto aos multiplicadores da STE a elaboração de um catálogo de *sites* educativos para apresentar aos professores regentes as sugestões de recursos web tecnológicos para integrar em suas atividades de ensino. Entre as sugestões para a Língua Portuguesa (do 1º. Ao 3º. Ano), por exemplo, sobre a Reforma Ortográfica recente, é indicado o *site*: <http://educarparacrescer.abril.com.br/jogo-das-palavras>.

Encontra-se também disponível uma sugestão de avaliação de *sites* que pode ser igualmente utilizada pelo docente e pelo discente. São parâmetros para avaliação para determinar se um *site* é bom ou não: Navegação, design, conteúdo, velocidade de acesso, utilidade e credibilidade são as características que indicam a qualidade de um *site*. Além deste, está ao alcance de docentes e discentes um *checklist* para a avaliação de *sites*

educacionais, cujas primeiras 5 categorias aqui estão listadas: 1) Os textos estão escritos utilizando um vocabulário simples e familiar ao aluno?; 2) As informações estão organizadas de uma forma lógica? Seguindo uma estrutura (ou hierarquia) de fácil compreensão? ; 3) É evitado o uso de abreviaturas e siglas?; 4) Quando estas são usadas está escrito por extenso seu significado?; 5) Os parágrafos estão separados por ao menos uma linha em branco?

Na opinião de Cabral e Leite (2008, p. 15), “Saber identificar os indicadores de qualidade de um site educativo é algo de imprescindível no século XXI, dada a crescente importância da Web como recurso informativo”.

O interesse pelo novo e pelo uso correto dessa novidade é o que fará a diferença e ajustará a ação do professor das novas gerações. Sem essa curiosidade e sem uma preparação específica, além do indispensável empenho do docente e da educação em geral. O professor despreparado para as mudanças sociais e os avanços que estão aí a olhos vistos perderão espaço e também oportunidades de crescer e de interagir com a nova dimensão social e humana.

A Internet é ótima para professores que são atentos a novidades, que desejam atualizar-se, comunicar-se mais. Mas ela é um tormento para o professor que se acostumou a dar aula sempre da mesma forma, que fala o tempo todo na aula, que impõe um único tipo de avaliação. Esse professor, provavelmente, achará a Internet muito complicada, com excesso de informações disponíveis ou, talvez pior, irá procurar esquemas de aula prontos - e já existem muitos - e os copiará literalmente, para aplicá-los mecanicamente na sala de aula. (CABRAL; LEITE, 2008, p. 3).

E por se tratar de uso correto, fale-se também das questões legais, como apontam Peck e Stelman (2007, p. 10):

É comum a utilização de blogs, por exemplo, por professores para relatar suas atividades com cada turma, registrando acontecimentos, encontros e até mesmo fotos, no entanto é preciso ter uma autorização dos alunos ou ainda dos pais de alunos quando estes forem menores de idade, para que possa ter suas fotos publicadas na internet ou em qualquer outra mídia. O mesmo vale para os alunos que ao publicarem fotos em seus blogs a rigor precisariam ter uma autorização das pessoas fotografadas, sem contar com a questão de direitos autorais do autor da foto ou pintura escaneada.

A *Veja/Guia Internet* também apresenta sugestões sobre *sites* voltados para a Educação, a exemplo destes: Aprendiz - Lição de casa Seção do site Aprendiz que auxilia nas pesquisas escolares; Biblioteca Virtual Biblioteca do estudante brasileiro. Bom acervo de pesquisa, livros para *download*, *links* para pesquisas escolares. Projeto ligado ao site Escola do Futuro, da USP, etc.

Sobre a questão da segurança e de como prestar orientação ao educando na navegação na Internet, Peck e Stelman (2007) sugerem que se inicie a atividade didático-pedagógica a partir de um sistema ou metodologia estabelecida, como WebQuest ou WebGincana, destinados à pesquisa orientada. Deve-se, inclusive, esclarecer aos alunos sobre ser necessário buscar *sites* e fontes confiáveis; ler com os estudantes artigos de jornal sobre situações de risco na Internet e, de acordo com a lei, apontar as penalidades para os envolvidos em crimes cibernéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A breve reflexão aqui apresentada demonstra que existe, por parte dos estudiosos na esfera educacional, tanto a preocupação quanto o empenho em buscar novos caminhos para a construção de conhecimento didático-pedagógico mediante a reformulação que se faz imperiosa no novo contexto social. Estão todos os sujeitos sociais imersos em um novo mundo, em novas dimensões e conceitos que se renovam incessantemente a partir do avanço inexorável da tecnologia e das comunicações.

Há um dilema quanto a acompanhar a evolução em evidência, o que atinge em cheio a educação. A pergunta que se sobrepõe é como se pode agora liderar o processo ensino-aprendizagem de tal maneira a manter o equilíbrio entre toda a construção de saberes e fazeres já difundidos e construir novos saberes e fazeres que atendam às necessidades dos docentes e dos discentes ainda navegando sem uma rota segura e cujo termo seja um resultado de qualidade. Coexistem, simultânea e paradoxalmente, o medo do enfrentamento do novo e o desejo de conhecer este novo. Enquanto o impasse não se resolve, a sociedade anda sobre os trilhos da modernidade tecnológica e não espera que as pessoas se decidam por onde devem seguir. A proposta que se mostra viável é a da harmonização entre o que existe e funciona desde os primórdios da educação e o que há de novidade.

No interior das escolas a modernidade já se instalou e encontra uma realidade de despreparo e mais um tanto de apatia. Professores insistem em utilizar materiais didáticos tradicionais e ignorar, por exemplo, as possibilidades de ampliação do conhecimento pelas vias da Internet. Ainda se registre que as editoras não perdem tempo na competitividade e os livros didáticos ampliam os seus horizontes sugerindo a consulta a *sites* e indica vídeos educativos só disponíveis em rede. Não importa, entretanto, que a escola disponha de recursos como os laboratórios de informática ou programa que distribui um *laptop* por aluno.

Independentemente disto, a juventude tem acesso à Internet em qualquer parte da cidade, nas *lan houses* que estão distribuídas por todas as zonas sociais, do mais simples bairro ao mais nobre endereço. Esse acesso precisa de orientação especializada e feita por quem de direito. Quem de direito no processo educacional é o docente, mas se pergunta ainda como esse profissional poderá conduzir algo que ainda dele está distante. E o que faz a juventude em casa ou nas *lan houses*? A resposta é imediata: joga, em especial os jogos que envolvem violência; eles frequentam as redes sociais e conversam em *chats* e MSN. A juventude também vê filmes de violência ou sobre sexo, faz amigos e com eles conversam sem que saibam com quem estão se comunicando. É muito raro avistar um adolescente dedicado à pesquisa ou à leitura de textos literários nas *lans*. Nesses ambientes a liberdade é total e os objetivos educacionais a rigor entendidos não existem.

Considerando estes e outros aspectos, esta argumentação desenvolveu um raciocínio acerca da necessidade de se dispor de um guia renovável de indicações de fontes seguras para a pesquisa tanto do docente quanto do discente; de acordar a escola para a necessidade de planejamento e acompanhamento de uma ação incisiva sobre a utilização da máquina conectada à Internet e cumprindo finalidades estritamente educacionais. Este texto contém algumas indicações e outros interessados neste tipo de construção de saberes e fazeres poderá contribuir por melhores resultados junto às modernas tecnologias.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Marcos. (2007) **A Produção de Conteúdos Audiovisuais Educacionais Interativos para TV Digital**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0813-1.pdf>>. Acesso em 13/06/2012.

BIELSCHOWSKY, Carlos Eduardo; PRATA, Carmem Lúcia. **Portal Educacional do Professor do Brasil**. Revista de Educación, 352. Mayo-agosto 2010.

CABRAL, Giovanna Rodrigues; LEITE, Lígia Silva. **A uso de sites educativos na Prática docente**. Disponível em: <etic2008.files.wordpress.com/2008/11/ucpgiovanna.pdf>. Acesso em 20/06/2012.

COSTA, Valéria Machado da *et al.* (2003) **Avaliação de sites educacionais de Química e Física: um estudo comparativo**. Disponível em: <ceiesbc.educacao.ws/pub/index.php/wie/article/download/820/806> . Acesso em 16/06/2012. Acesso em 13/06/2012.

DUTRA, Renato Luís de Souza; TAROUÇO, Liane Margarida Rockenbach. (2009) **Recursos Educacionais Abertos (Open Educational Resources)**. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo9/artigos/4fRenato.pdf>>. Acesso em 16/06/2012.

JORDÃO, Teresa Cristina. (2009) **Formação de educadores:** A formação do professor para a educação em um mundo digital. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/>. Acesso em 28 de jan 2011.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Um Estudo sobre os Portais Educacionais Disponíveis em Língua Portuguesa. In: **XI Simpósio Internacional de Informática Educativa**. Actas do XI Simpósio Internacional de Informática Educativa. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

VIEIRA, Azenaide Abreu Soares. **Catálogo de sites e vídeos educativos**. Disponível em: <nucleodetecnologiaseducacionais.wikispaces.com/.../Versão+Final+-+...>. Acesso em 13/06/2012.

MELO, Caio Gabriel *et al.* (2008). **Como usar bem a internet na sua pesquisa**. Disponível em: <http://www.geniodalampada.com/pesquisas/como_usar_bem_a_internet.pdf>. Acesso em 13/06/2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de Tecnologias Educacionais 2011/12/organização COGETEC**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2011. 196 p. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/pdf/guias_2011_Web.pdf> Acesso em 13/06/2012.

NUNES, Sergio da Costa; SANTOS, Renato Pires. **Análise pedagógica de portais educacionais conforme a teoria da aprendizagem significativa**. Novas Tecnologias CINTED-UFRGS na Educação. V. 4 Nº 1, Julho, 2006.

PECK, Patrícia; STELMAN, Cristina. (2007) **Boas práticas legais no uso da tecnologia dentro e fora da sala de aula:** Guia rápido para as instituições educacionais. Disponível em: <http://www.criancamaissegura.com.br/blog/wp-content/uploads/2009/11/CARTILHA_TecnologianaEducacao.pdf>. Acesso em 12/06/2012.

REIS, Cátia B; AZEVEDO, Hilton de. (2011) **Condicionantes para produção de conteúdos pedagógicos digitais por grupos de professores:** aplicação para a TV Digital Interativa. Disponível em: <<http://www.esocite.org.br/eventos/tecsoc2011/cd-anais/arquivos/pdfs/artigos/gt007-condicionantespara.pdf>>. Acesso em 12/06/2012.

ROQUE, Gianna Oliveira Bogossian *et al.* (2009) **Conteúdos digitais multimídias:** construindo novas práticas docentes. Disponível em: <<http://moodle.ccead.puc-rio.br/pesquisa/wp-content/uploads/2010/07/Artigo06.pdf>>. Acesso em 12/06/2012.

SCHWARZELMÜLLER, Anna F.; ORNELLAS, Bárbara. **Os objetos digitais e suas utilizações no processo de ensino-aprendizagem**. Ufba, 2006. Disponível em: <<http://homes.dcc.ufba.br/~frieda/artigoequador.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

ⁱ Licenciatura Plena em Letras Vernáculas Português/Inglês pelo Instituto de Letras, Artes e Comunicação da UFS/1972. E-mail: tania88meneses@hotmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes (UNIT), especialista em Metodologia do Ensino, graduada em Pedagogia e Direito. Docente da Faculdade Pio Décimo (Aracaju-SE). Membro do Grupo de Pesquisa GPGFOP/UNIT. E-mail: josevaniatguedes@gmail.com

ⁱⁱⁱ Especialista em metodologia do ensino de língua inglesa pela Faculdade Atlântico, Graduado em Letras português/inglês. Membro do grupo de pesquisa GPGFOP/UNIT.
E-mail: yeper_rp@hotmail.com